



SEÇÃO: RESENHA

Lembrar e conhecer em Memory: A Self-Referential Account

Remembering and knowing in Memory: A Self-Referential Account

Vitor Rodrigues de
Almeida¹

orcid.org/0000-0002-3085-8046
vitor.almeida@acad.ufsm.br

Enviado em: 22/07/2020.

Aprovado em: 08/11/2021.

Publicado em: 21/01/2022.

Resumo: *Memory: A Self-Referential Account* foi lançado em 2019 pelo autor Jordi Fernández. O texto nos oferece um relato bastante claro e complexo sobre a natureza da faculdade mnemônica enquanto fenômeno epistêmico. Nesta resenha apresentamos em linhas gerais o percurso argumentativo de Jordi Fernández. Desta maneira o leitor tem um acesso prévio aos conceitos considerados como chaves para a compreensão da filosofia da memória.

Palavras-chave: Jordi Fernández. Memória. Epistemologia contemporânea. Metafísica contemporânea.

Abstract: *Memory: The Self-Referential Account* was released in 2019 by author Jordi Fernández. The text offers us a very clear and complex account of the nature of the mnemonic faculty as an epistemic phenomenon. In this review, we will present in general lines the argumentative path of the author. In this way, the reader has previous access to the concepts considered by the author as keys for the understanding of the philosophy of memory.

Keywords: Jordi Fernández. Memory. Contemporary epistemology. Contemporary metaphysics.

Fernández, JORDI. *Memory: A Self-Referential Account*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2019.

A memória humana coloca em evidência nossa interação com o conhecimento e com o tempo de um modo especificamente diferente de outras faculdades como a percepção, imaginação e introspecção. O mais recente trabalho do filósofo Jordi Fernández *Memory: A Self-Referential Account* tem como principal objetivo delinear o contorno do que é a memória, levando em consideração principalmente sua natureza, isto é, o conjunto de verdades sobre a memória (parte i); sua fenomenologia, quer dizer, como a memória se apresenta (parte ii) e sua epistemologia (parte iii), ou seja, como se dá a relação entre memória e conhecimento.

O autor começa a obra fazendo uma caracterização dos casos em que alguém lembra de alguma coisa. Ele nos apresenta (capítulo 2) considerações sobre o que deve ser observado e admitido para que possamos classificar um estado mental como um caso de memória. Para tanto, o autor propõe a Teoria Funcionalista da Memória, que é elaborada a partir das semelhanças, pontos de distinção e limites explicativos entre a Teoria Causal da Memória (TCM) e a Teoria Narrativa da Memória (TNM).



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

A Teoria Causal da Memória postula que um caso de memória ocorre apenas se for causado por uma experiência passada. Isto é, os casos de lembrança são caracterizados fundamentalmente a partir da análise da cadeia causal de origem do estado mental. De acordo com o autor, essa teoria dá conta de acomodar a intuição sobre o caráter preservacionista da memória. Contudo, o autor aponta que a TCM encara dificuldades em dois pontos. Em primeiro lugar, pode ser bastante estrita no que diz respeito aos conteúdos da lembrança, uma vez que tem como foco a cadeia causal e admite lembranças com menos detalhes do que na experiência originária, no entanto, ela não admite lembranças cujo conteúdo seja mais detalhado.

O segundo ponto é que a TCM pode ser, por outro lado, muito permissiva, uma vez que admite casos epistemicamente irrelevantes como casos de memória, ou seja, admite casos em que o sujeito teria uma memória se considerássemos apenas a cadeia causal, mas os quais não colocam no sujeito a disposição de formar crença ou julgamento algum a partir deles. Nesse ponto, a pressuposição de Fernández de que a memória deve ser transparente à mente é um requerimento, dados os propósitos *internalistas* do autor em garantir as características fenomenológicas da memória. Diferente do ponto de vista *externalista* no qual a análise é feita por um observador que sabe todos os fatos relevantes (BERNECKER, 2010).

A Teoria Narrativa da Memória diz que os casos de memória são aqueles em que um sujeito S lembra que *p* apenas se a representação de que *p* fizer parte da narrativa de vida de S. A noção de representação aqui é tomada como representação de experiência e crença. Nesse sentido, a memória é tida como uma faculdade não apenas de armazenamento, mas também como uma faculdade criativa. Da lembrança de uma experiência passada podemos passar a acreditar em alguma coisa. Essa característica criativa colocada pela TNM, segundo o autor, garante a intuição sobre a concepção reconstrutiva da memória. Contudo, essa teoria também pode ser muito estrita ao permitir classificar como casos de memória

apenas aqueles fatos em que o sujeito consegue alocar o fato representando-o como parte da narrativa de sua própria vida. Ela também pode ser bastante permissiva ao ser silenciosa quanto ao requerimento de alguma cadeia causal adequada entre o fato representado presentemente e o fato experienciado no passado.

Nesse cenário, a Teoria Funcionalista da Memória proposta pelo autor parece reunir as características relevantes de ambas as teorias com o intuito de superar seus limites explicativos. Dessa maneira, os casos de memória descritos pela TFM incorporam condições sobre a origem causal do estado mental, assim como sobre o impacto do estado mental sobre as crenças do sujeito.

No capítulo 3, o autor determina o tipo de entidade sobre a qual a memória é, e o tipo de entidade que a faz ser verdadeira ou falsa. Para tanto, ele investiga qual seria o objeto intencional da memória a partir da condição de verdade descrita como uma combinação entre propriedades mentais e fatos no mundo. A visão reflexiva sobre os conteúdos mnemônicos seria a mais plausível, pois, acomoda noções importantes, tais como: fato passado, experiência perceptual passada causada pelo fato e estado de memória presente causado pela experiência passada. Portanto, o autor defende uma abordagem causal autorreferencial do conteúdo da memória episódica, já que quando lembramos as memórias carregam consigo tanto informações sobre certos fatos objetivos passados quanto informações sobre o modo como ela mesma se conecta a esses fatos.

O capítulo 4 nos apresenta uma concepção de "*mental time travel*" (capacidade de reconstruir mentalmente eventos pessoais do passado) com base em uma visão reflexiva sobre os conteúdos mnemônicos. Segundo o autor a concepção de *mental time travel* pensada a partir de uma abordagem causal autorreferencial seria mais compatível com o sentimento de *passadidade* e da consciência da experiência anterior. Isso ocorreria porque, argumenta Fernández, quando lembramos de um fato temos o sentimento de que aquele fato ocorreu no passado em decorrência de experimentar a relação causal entre

o fato originário e a memória atual. Em outras palavras, ter uma memória episódica seria não apenas representar um fato como passado, mas também representá-lo em comparação com a experiência perceptiva original. Por isso que quando uma memória carrega o sentimento de *passadidade*, também carrega a consciência de experiência anterior.

Depois de tratar do aspecto temporal, Fernández passa para o aspecto não temporal da fenomenologia da memória episódica. Assim, no quinto capítulo é desenvolvido o chamado "modelo de endossamento" para explicar a fenomenologia da experiência de posse. Segundo tal modelo, a sensação de que as memórias episódicas que temos são nossas ocorre porque elas se apresentam em conformidade com nosso passado. O caso de Klein e Nichols (2012), do paciente R.B., é interpretado pelo autor como crucialmente necessário para se entender a natureza de tal visão. Depois de um acidente, R.B. apresentou o seguinte quadro amnésico: ele era capaz de lembrar-se de eventos passados, contudo sem conseguir descrevê-los como sendo vividos por ele. Fernández interpreta esse caso como paradigmático, pois, a presença do que chamou de "memória deserddada" (uma memória que não se apresenta como proveniente de percepções de fatos passados, apesar de se apresentar como uma memória) atesta o modo como funciona o aspecto não temporal da fenomenologia da memória episódica.

O capítulo 6 trata sobre como a visão reflexiva sobre o conteúdo da memória implica a imunidade ao erro por identificação incorreta dos julgamentos que fizemos com base na memória. De acordo com a visão reflexiva da memória:

[...] o conteúdo de uma memória não é apenas que a própria memória foi causada por uma percepção do fato de que o sujeito alega lembrar em virtude de ter a memória, mas também que a percepção em questão era a própria do sujeito (FERNÁNDEZ, 2019, p. 202).

A ideia geral é que as memórias episódicas são imunes ao erro por identificação incorreta, pois, carregam consigo uma facticidade em re-

lação a propriedade do conteúdo, de um modo semelhante à introspecção ou propriocepção.

Por fim, o capítulo 7 conclui o livro com a defesa de que a versão reflexiva da abordagem autorreferencial causal da memória é um processo epistemicamente gerativo, isto é, capaz de gerar conhecimento. Fernández apresenta alguns argumentos geracionistas (LACKEY, 2005; BERNECKER; GRUNDMANN, 2019) contra o preservacionismo epistêmico (visão de que a memória não é capaz de gerar, mas apenas conservar conhecimento) e aponta as dificuldades enfrentadas por cada um. De acordo com o autor, os contraexemplos geracionistas, ainda estariam sob o mesmo modelo, o qual chamou de "modelo de registro da memória", o qual diz que a carga de informação carregada pela memória sempre deve ser menor que a da experiência que a originou. Dessa maneira, o modelo reflexivo desafiaria o preservacionismo epistêmico justamente por desafiar o "modelo de registro da memória". Em outras palavras, uma vez que a memória é tomada como causalmente autorreferencial, nossas memórias nos apresentam a fatos que não nos foram apresentados antes, na experiência passada, justamente porque o fato da memória ter se originado na experiência passada é parte do conteúdo mnemônico atual, mas não da experiência passada anterior. Dessa maneira, a memória poderia gerar crenças justificadas a cada momento de lembrança. A passagem-chave é esta:

[...] Quando nos lembramos episodicamente de fatos que percebemos no passado, a memória também nos coloca em contato cognitivo com novos fatos. E isso, por sua vez, nos permite formar crenças que não fomos capazes de formar através de nenhuma outra fonte antes de utilizarmos a memória (FERNÁNDEZ, 2019, p. 258).

Parece que Fernández consegue deixar claro que a *visão reflexiva* é a noção crucial para se entender o processo epistêmico da memória. Isto é, a memória é pensada como um processo epistêmico gerativo porque é também um processo fenomenológico gerativo. Dessa maneira o autor propõe um papel epistêmico da memória que atua, por um lado, de uma maneira *externalista*, quando a justificação é fundamentada na

confiabilidade do processo e, por outro lado, de uma maneira *internalista*, quando a justificação é colocada como ocorrente em função de um processo que é fenomenologicamente factível. Certamente um livro que oferece um quadro bastante legível e instigante a todos aqueles que se interessam por filosofia da memória.

Referências

BERNECKER, S. *Memory: A Philosophical Study*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BERNECKER, S.; GRUNDMANN, T. Knowledge from Forgetting. *Philosophy and Phenomenological Research*, [S. l.], v. 98, p. 525-540, 2019.

BERNECKER, S. Memory: A Self-Referential Account. In: *Notre Dame Philosophical Reviews*. Indiana, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://ndpr.nd.edu/reviews/memory-a-self-referential-account>. Acesso em: jul. 2020.

LACKEY, J. Memory as a generative epistemic source. *Philosophy and Phenomenological Research*, Rhode Island, v. 70, p. 636-658, 2005.

FERNÁNDEZ, J. *Memory: A Self-Referential Account*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2019.

Vitor Rodrigues de Almeida

Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Acadêmico em Filosofia bacharelado e mestrando em Filosofia pela mesma universidade.

Endereço para correspondência

Vitor Rodrigues de Almeida

Rua Olmiro Câmara da Silva, 360, 101

Camobi, 97105260

Santa Maria, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.